



QUEERIZANDO AS RAINHAS GINGAS DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: PROPONDO REFLEXÕES A PARTIR DE UMA “DONZELA- GUERREIRA”¹

Mariana Alves da Silva²
Helder Thiago Maia³

RESUMO

Neste trabalho, apresenta-se um recorte da pesquisa de iniciação científica que tem como objetivo compreender a construção da personagem da Rainha Ginga na obra do escritor José Eduardo Agualusa e, ainda, como é possível entender essa personagem a partir do paradigma das donzelas-guerreiras. Para pensar essa construção, utilizaremos como ferramenta de análise a proposta de Helder Thiago Maia (2018) de queerizar a crítica literária sobre as donzelas-guerreiras, buscando recuperar o potencial crítico dessas personagens que questionam o binarismo de gênero. Dialogaremos também com estudos históricos e interdisciplinares sobre o papel que a Rainha Ginga ocupa no imaginário cultural, social e político em Angola e no Brasil. Assim, buscaremos mostrar como a análise dessa personagem nos romances *O vendedor de passados* (2004) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) pode extrapolar a sua caracterização como donzela-guerreira para tonar-se motivo disparador de reflexões sobre história, memória, passado, identidade e ficção.

Palavras-chave: Rainha Ginga, José Eduardo Agualusa, donzelas-guerreiras, identidade nacional, literatura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte do projeto de iniciação científica cujo objetivo é entender como a personagem Njinga Mbandi (daqui em diante denominada Rainha Ginga)⁴ é

¹ Pesquisa de iniciação científica financiada pelo CNPq.

² Graduanda em Letras/USP. E-mail: mariana.alves.silva@usp.br

³ Bolsista FAPESP de Pós-Doutorado/USP e orientador do trabalho. E-mail: helderthiagomaia@usp.br

⁴ A personagem possui um nome em quimbundo, sua língua materna e um nome português, que lhe foi dado no momento de sua conversão ao cristianismo. Além disso, a grafia de seu nome em quimbundo é bastante variável, de acordo com a fonética da língua a qual se adapta. Em linhas gerais, pode-se dizer que a maneira mais próxima da língua quimbundo é a grafia *Njinga Mbandi*. Entretanto, neste trabalho, escolhi utilizar a forma *Rainha Ginga* porque é o nome utilizado pelo autor José Eduardo Agualusa para designar a personagem em seus livros, uma grafia que adapta-se mais aos padrões da



construída nas obras de José Eduardo Agualusa e como ela pode ou não ser lida a partir da tradição crítica sobre as “donzelas-guerreiras”. Seleccionamos, dentre os inúmeros textos de Agualusa que apresentam a Rainha Ginga como personagem, dois romances, *O vendedor de passados* (2004) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002). Buscaremos, por meio da análise das referências a essa personagem, refletir sobre a possibilidade de analisar a sua construção como donzela-guerreira e, ainda, buscar, na literatura, elementos que permitam refletir sobre a Rainha Ginga no imaginário cultural, social e político.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que esta pesquisa está vinculada à pesquisa de pós-doutorado de Helder Thiago Maia, cujo objetivo é justamente revisitar a tradição de crítica literária sobre as donzelas-guerreiras sob uma perspectiva queer.

De maneira geral, de acordo com a tradição crítica literária, as donzelas-guerreiras são personagens que, inicialmente designadas como mulheres no nascimento, assumem uma identidade “masculina” e vão à guerra, onde são *reconhecidas* pela bravura. Algumas personagens morrem na guerra e são “descobertas” como mulheres, como uma maneira de justificar o amor que outro soldado nutre por essa figura. Outras personagens, por sua vez, sobrevivem à guerra e continuam inclusive a viver como homens.

Porém, a tradição crítica das donzelas-guerreiras pode ser problematizada a partir de algumas questões. A primeira delas é a caracterização das personagens a partir de um paradigma falocêntrico. É recorrente a descrição das donzelas-guerreiras como sujeitos sem autonomia, ou, ainda, mulheres com inveja do falo (Galvão, 1998:141). É uma visão que parte de uma perspectiva essencialista e biologizante do gênero, tomando a transição do feminino para o masculino (ou vice-versa, claro), como uma impossibilidade ontológica, algo que nega as múltiplas expressões do gênero para além do binarismo. Nesta pesquisa, ao contrário, consideramos que essas expressões de gênero não são uma imitação ou uma cópia de um gênero original que pertenceria exclusivamente aos corpos com falo. Entendemos, conseqüentemente, que a transição entre os gêneros pode ser uma expressão da própria diversidade humana.

Além disso, algumas leituras críticas alargaram o conceito de donzela-guerreira de modo a fazer com que esse paradigma perca sua função, pois é aplicado a qualquer personagem que fuja ao padrão esperado de feminilidade. Algo muito provável que aconteça com qualquer personagem com certo protagonismo, já que o padrão do que é “ser mulher” é, de fato, muito rígido.

língua portuguesa. Essa forma foi também utilizado pela própria Njinga Mbandi como assinatura das suas cartas em português.



METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizaremos como paradigma teórico de análise a proposta de Maia (2018) para queerizar a tradição literária sobre as donzelas-guerreiras. Como resposta às problematizações apresentadas em relação à crítica acerca do tema, Maia desdobra a noção de donzela-guerreira em quatro personagens paradigmáticas: “mulheres masculinas”, aquelas que não assumem identidade masculina nem vão à guerra, mas que extrapolam o padrão de feminilidade; “mulheres guerreiras”, personagens mulheres que vão à guerra; “donzelas guerreiras”, personagens que transitam de gênero para ir à guerra, mas que voltam à “feminilidade” após as batalhas; e, por fim, “transgeneridades guerreiras”, personagens que assumem identidade masculina não só para a ir à guerra, mas que continuam a ser reconhecidas como homens após a volta das batalhas.

Com essa proposta, ainda, dialogamos também com o trabalho de Galvão que, mais sugerindo que realmente analisando textos literários, já considerou a Rainha Ginga como uma mulher guerreira (Galvão, 1998), ou apresentou-a também como donzela guerreira (Galvão, 2012 e 2016). A partir dessa “categorização” de Galvão, daremos um passo atrás para descobrir se e como o paradigma de donzela-guerreira serve para caracterizar a personagem da Rainha Ginga construída nas obras de José Eduardo Agualusa.

Por fim, entendendo que queerizar o olhar é também ampliar a perspectiva sobre o contexto no qual se inscreve a construção da personagem, o trabalho também toma como referenciais teóricos algumas produções que buscam compreender o papel que a Rainha Ginga ocupa no imaginário e na cultura popular, de maneira a propor reflexões que extrapolam o mundo literário, circunscrevendo a construção da personagem dentro de uma complexa trama de relações e consequências políticas e sociais.

Destacamos, portanto, as visões de que Ginga é percebida como uma heroína nacional e como um símbolo de resistência africana em geral e do nacionalismo angolano em particular (Oliveira Pinto, 2014), enquanto no Brasil, é percebida, principalmente, como símbolo de resistência africana e como símbolo da beleza africana através da Congada e da Coroação de Reis (Maia, 2019b). Além disso, consideramos a representação da personagem na cultura pop dos dois países, seja através da cantora Pongolove (Lugarinho, 2016), seja através de Iza (Maia, 2019c).



Para pensar a construção da personagem da Rainha Ginga, é preciso, primeiro, conhecer a figura histórica que a inspira. Há, nessa retomada histórica, uma primeira primeira busca de diversificar o cânone e a produção intelectual, voltando nosso olhar para a importante e muitas vezes negligenciada história do continente africano⁵, cuja influência é central para a construção do Brasil em que vivemos atualmente.

Njinga Mbandi, nascida por volta de 1582, foi governante do reino de Ndongo e Matamba, uma área que hoje é uma parte do norte de Angola. Filha e irmã de ex-governantes desse reino, a Rainha Ginga é uma das personagens históricas mais importantes da África Central. Isso se deve, em primeiro lugar, à sua posição de destaque como referência no combate ao colonialismo português e, ainda, às polêmicas e disputas em torno da sua construção na história e no imaginário.

De maneira geral, é possível dizer que há duas grandes maneiras de retratar a Rainha Ginga. Por um lado, o olhar colonial português católico descreveu Ginga como uma rainha devassa, bárbara, perversa. Segundo a historiadora Linda Heywood (2019), autora da obra *Jinga de Angola*, recentemente traduzida e publicada no Brasil, Ginga foi retratada por seus contemporâneos europeus (e mesmo por escritores posteriores influenciados pela visão colonial) como canibal, assassina de bebês, e desafiadora das normas de gênero por vestir-se como homem, rejeitar as “virtudes femininas” e manter um harém de homens e mulheres.

Por outro lado, como descreve Mário Lugarinho (2016), Ginga foi alçada pelos movimentos de independência da Angola ao status de heroína nacional, fundadora da pátria e mãe da Nação. Um exemplo disso na literatura seria o poema *O izar da bandeira* de Agostinho Neto, liderança do MPLA e primeiro presidente de Angola, em que Ginga é heroína nacional ao lado de Ngola Kiluanje. Nesse movimento, a personagem foi sendo homogeneizada e despida das questões polêmicas que poderiam “manchar” sua reputação, como a transgressão do gênero e mesmo sua aliança com holandeses na tentativa de expulsar os portugueses.

Portanto, a Rainha Ginga é uma personagem que condensa ao redor de si muitas questões: há a extrapolação dos padrões de gênero que conhecemos hoje, o seu papel no combate ao colonialismo português e, ainda, o seu *status heróico* tanto em Angola quanto no

⁵ No atual contexto político, é sempre importante mencionar e reforçar a importância da Lei 10.639/2003 que preconiza a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos currículos da Educação Básica no Brasil.

Brasil, onde ela é frequentemente vinculada a figuras como Zumbi e Dandara. Além disso, a Rainha Ginga e sua construção no imaginário trazem à tona um debate sobre a relação entre memória, história e literatura, que busca entender como essa personagem vai sendo moldada para servir a determinados fins.

É neste último ponto, aliás, que a obra de José Eduardo Agualusa torna-se relevante. A reflexão sobre passado, memória, ficção e literatura é bastante presente na produção desse autor. Por outro lado, ainda, destacamos a obra de Agualusa porque esse autor publicou recentemente, em 2013, um romance inteiramente dedicado à história de Rainha Ginga, evidenciando a existência de um *continuum* de representações da mesma figura em sua obra e, portanto, uma multiplicidade de reflexões que complexificam o olhar sobre essa personagem.

As obras de Agualusa que citam a Rainha Ginga são, entre romances e contos: *Estação das chuvas* (1996); *Nação crioula: correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997); *Os pretos não sabem comer lagosta* (1999); *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002); *O vendedor de passados* (2004); *Milagrário pessoal* (2010); *Teoria geral do esquecimento* (2012) e, finalmente, *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2014). Neste trabalho, apresentamos as discussões sobre a personagem nos romances *O vendedor de passados* (2004) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Começamos pelas considerações gerais sobre o romance *O vendedor de passados* (2004). Embora a obra não seja um romance linear, mas, muito pelo contrário, misture várias temporalidades, é possível, ainda, extrair um eixo motivador do enredo, que é a discussão sobre a relação entre memória, passado, história e ficção. A ideia de que vender passados é também construir uma identidade é uma chave a partir da qual se pode entender esse romance como uma mirada crítica para a história recente da Angola e as narrativas sobre as quais o Estado angolano se instaurou.

Sendo assim, a personagem da Rainha Ginga aparece de maneira um tanto quanto ambivalente, mas, de maneira geral, pouco positiva. Félix Ventura, o vendedor de passados que dá título ao livro, oferece a um ministro angolano a opção de escolher entre ser descendente da Rainha Ginga ou de Salvador Correia de Sá e Benevides, ex-governador de Angola nomeado pela Coroa Portuguesa e responsável pela expulsão dos holandeses, aliados estratégicos da Rainha Ginga no território. O ministro, mesmo desconfiado em relação a ser descendente de um português, ainda assim, prefere o colonizador ao invés de Ginga.

Podemos pensar em algumas questões. A primeira é a constatação de que a obra, nesse ponto, parece apontar para a complexidade do conflito que se deu no território angolano: não se pode falar simplesmente em um embate entre portugueses e o reino da rainha Ginga, o principal reino do território que hoje é Angola. Havia, ali, muitos interesses e muitas alianças bastante variáveis, que eram estabelecidas por questões pragmáticas imediatas. Estavam ali, do lado europeu, portugueses e holandeses, cujos interesses eram opostos; e, do lado africano, havia o reino de Matamba-Ndongo, da Rainha Ginga, o reino do Congo, e uma infinidade de sobas (líderes locais), chefes imbangalas (etnia conhecida por sua ferocidade militar e crueldade), entre outros.

Essa complexidade impacta a imagem da Rainha Ginga, portanto, e seu lugar no “panteão de heróis de Angola”. Afinal, ela não é apenas líder da resistência aos portugueses, ela foi também uma aliada, ainda que pragmática, dos holandeses, europeus interessados igualmente no tráfico de escravos da região.

Se levarmos em consideração uma parte considerável de textos históricos, sociológicos e literários, a escolha óbvia no caso do tal ministro seria adquirir um passado relacionado à Rainha Ginga. Sendo assim, é possível afirmar que há indícios de que Agualusa apresenta, em sua construção da rainha Ginga, um olhar que não necessariamente a vê apenas como heroína nacional, mas como uma personagem dotada de grande complexidade histórica.

É interessante notar que *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002) é um livro anterior a *O vendedor de passados* (2004), e que há elementos citados no primeiro livro que reaparecem na obra de 2004, como a presença da osga, a ideia da “reencarnação” de humanos em novas formas, a discussão sobre o passado e a memória de Angola e, também, a menção à Rainha Ginga.

Porém, é mais difícil atribuir um único eixo norteador ao romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Se, por um lado, o enredo é contado de maneira muito mais linear do que aquele que se verifica no romance *O vendedor de passados*, por outro lado, o tema central do livro parece estar muito mais diluído. Seria possível dizer, em linhas gerais, que o romance se propõe a refletir sobre questões de raça e classe no Brasil e na Angola, comparando as duas nações principalmente em termos de superação dos padrões racistas da época colonial. Entretanto, este eixo norteador é atravessado por um número exagerado de referências a personagens históricos de ambos os países, que, nesta mistura, acabam tornando-se pouco decifráveis.

Em relação a *O vendedor de passados*, o romance que se passa no Rio de Janeiro, *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, apresenta muito mais personagens, mais histórias paralelas e

uma comparação entre Brasil e Angola, que acaba por apresentar inúmeros questionamentos, mas de maneira mais superficial, sem focar-se, como se vê no livro *O vendedor de passados*, em questões mais aprofundadas e voltadas ao tema da intersecção entre a construção de narrativas históricas e ficcionais. Ao apresentar muitas referências e temas, *O ano em que Zumbi tomou o Rio* perde um pouco no desenvolvimento do olhar crítico.

Apesar dessas diferenças, a aparição da Rainha Ginga é bastante semelhante. Ela se dá em um capítulo muito peculiar, que se destaca dos outros capítulos da obra, e é também apenas uma menção, que se explica muito mais pelo que acompanha do que por ela mesma.

Dessa vez, a aparição da Rainha Ginga se dá por meio de um episódio que conecta o presente e o passado do personagem chamado Euclides Matoso da Câmara, descrito como um jornalista anão, negro e homossexual que, ao ser perseguido pelo governo angolano, acaba por residir temporariamente no Brasil. No Rio de Janeiro, retoma as relações com Francisco Palmares, ex-militar do exército angolano e ex-perseguidor de Euclides. Por meio de sua amizade com Palmares, o jornalista é apresentado a Jararaca, um chefe do tráfico no Morro da Barriga que passa a perseguir um sentido político na sua atuação de combate ao Estado e à polícia.

Euclides, em sua temporada no Brasil, atua como correspondente de um jornal português. Assim, ele narra uma tragédia ocorrida no Morro da Barriga que ele experiencia pessoalmente: um ataque policial que acaba no massacre de oito crianças negras vestidas de anjos, dentre outras pessoas da comunidade. A reportagem traz ainda a declaração do grupo de Jararaca, que fala na necessidade de “descolonizar o Brasil”, colocando índios e negros no poder. E, por fim, o texto narra a provável resposta do Estado, que seria uma intervenção forte de cunho militar.

Após escrever e reler a reportagem que enviaria para Lisboa, Euclides é impelido a ler o caderno de Dona Felicidade, uma personagem que aparece apenas nas lembranças do jornalista. Órfão e anão, criado por padres, Euclides era objeto da crueldade das crianças com quem estudava, que diziam que Dona Felicidade seria sua mãe. Ela era uma senhora tida como “louca”, que “mendigava moedas” e cujo caderno com toda sorte de pensamentos, descritos como “herméticos”, acaba nas posses de Euclides.

É justamente nesse caderno “hermético”, escrito por uma senhora fora dos padrões da racionalidade e da sanidade, e apresentado, no capítulo, após a reportagem sobre a tragédia, que aparece a menção à Rainha Ginga. O caderno, aberto ao acaso, apresenta uma espécie de profecia anunciadora de tragédias para os guerreiros negros de Ginga e Ekuikui, que “não

terão descanso”. Os escritos trazem a imagem de insetos como pragas e o surgimento de figuras antropomórficas de caráter grotesco, com o prenúncio de uma “escuridão sem fim”.

Se, em *O vendedor de passados*, a aparição da rainha Ginga pode ser relacionada diretamente à discussão sobre passado, memória e a construção de narrativas em torno de heróis nacionais, ainda que não se possa precisar exatamente qual o veredito acerca da posição de Ginga nesse contexto, em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, a menção à personagem parece trazer questões mais difusas.

Primeiro, é interessante pensar por que a citação vem da boca da senhora mendicante e tida como pária na sociedade em que vive. A partir das reflexões de Peter Pál Pelbart (1993) inspiradas por Foucault acerca de como a desrazão e a loucura ocupam espaços no imaginário e na produção artística, pode-se pensar na personagem de Dona Felicidade como alguém que traz, em seus escritos, elementos de um *Exterior*, um *Fora* ao que se entende por “humano”. Representando essa alteridade em relação à humanidade desenhada como racional, a personagem pode ser lida como alguém que flerta com o desconhecido, e que traz, desse trânsito com o que os autores citados entendem como *Pensamento do Fora*, uma espécie de profecia, paralela às premonições proferidas por adivinhos na Grécia Antiga. Pode-se falar, portanto, que é um tipo de personagem e de enunciação que possui uma longa tradição na literatura e no imaginário ocidental.

Qual seria, afinal o sentido dessa profecia? Por um lado, é possível questionar, em primeiro lugar, quem seriam os tais guerreiros negros de Ginga e Ekuikui. Seriam eles o povo angolano na época da colonização portuguesa, ou seja, uma referência quase literal àqueles que resistiram aos europeus sob o comando de líderes como Ginga e Ekuikui? Seriam os angolanos após a Independência da Angola, para os quais ainda se desenhava e se desenha o desafio de construir uma nação “descolonizada”? Ou, ainda, seria a população negra brasileira nos tempos em que se passa a narrativa do livro, no começo dos anos 2000, pouco mais de um século após o fim do sistema de escravização que trouxe consequências ainda a serem superadas no campo das relações raciais e de classe?

Por outro lado, seria possível relacionar o caráter profético também aos elementos místicos que cercaram a vida da rainha Ginga, a começar pelo seu nascimento. Na descrição de Linda Heywood (2019), Ginga destacou-se desde o dia de seu nascimento. Nascida em uma posição incomum, descrita como “virada”, com o rosto virado para cima e, ainda, com o cordão umbilical enrolado em torno do pescoço, Ginga teria sido recebida pela superstição de seu povo como alguém que, por conta da maneira como nascera, não teria jamais uma vida normal. Essa espécie de previsão de sua vida seria complementada por inúmeros outros

momentos de relação com o desconhecido e o místico, mesmo após a conversão estratégica de Ginga ao catolicismo.

O capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi de Montecuccolo, por sua vez, apresenta uma versão mais catastrófica do nascimento da Rainha Ginga. Em sua obra *Istorica descrizione* (1687), na qual dedica mais de um livro à história da célebre rainha, ele anota também uma profecia negativa, que preconiza a infelicidade daqueles que se encontrassem sob o domínio de Ginga.

Por fim, é possível pensar como a personagem de Ginga pode ser lida em conjunto com a personagem Ekuikui. Em *O vendedor de passados*, Ginga é citada em contraste com um personagem contemporâneo, mas que esteve em oposição a ela. Neste outro romance, a rainha do século XVII é associada a um rei do século XIX, e essa citação não é feita a partir de uma escolha entre um e outro, mas apresenta os nomes em convergência. Ekuikui é lembrado na história angolana como o responsável pela resistência de Huambo, na região central de Angola, à ocupação portuguesa por cerca de quatorze anos. Há, portanto, um descompasso temporal e geográfico entre os dois personagens, pois Ginga viveu dois séculos antes de Ekuikui e em uma região mais ao norte do atual território angolano.

Há entre eles, entretanto, a aproximação de serem dois nomes reconhecidos por sua resistência à ocupação portuguesa. Ekuikui, assim como Ginga, é lembrado como um “herói nacional”, e sua figura é celebrada em festividades vinculadas às datas de Independência da Angola. Nesse sentido, nesta outra obra de Aqualusa, não parece haver, ao contrário do que se pode extrair do trecho de *O vendedor de passados*, um questionamento do papel de Ginga como heroína nacional de Angola. Há, na verdade, uma associação entre seu nome e o de Ekuikui e a uma ideia de resistência negra que permeia todo o romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Rainha Ginga é uma personagem apenas mencionada nos dois livros, de maneira que não se torna possível apresentar qualquer consideração sobre sua construção (ou não) como uma donzela-guerreira. Nesse sentido, é possível pensar como a complexidade da personagem permite pensá-la além desse paradigma, apresentando facetas que extrapolam os debates acerca de seu gênero.

Em ambos os livros, a menção à Rainha Ginga se dá a partir de um procedimento semelhante: a personagem é citada em conjunto com outro personagem da história de Angola,

sendo necessário, portanto, pensá-la a partir de sua relação com essa outra personalidade e inserida em um contexto.

A partir dessa constatação, percebemos o potencial crítico da construção literária de uma figura histórica como Ginga: nós, leitorxs, somos apresentadxs, a partir da produção ficcional, a debates e reflexões que conectam diferentes pontos históricos e, sem recair em anacronismos, nos instigam a compreender como os significados e sentidos vão sendo construídos a cada recorte da realidade. De tal forma que não necessariamente importa apresentar uma resposta fática, concreta, sobre o gênero da Rainha Ginga ou, ainda, sobre seu lugar como elemento da identidade nacional angolana. É mais produtivo, na verdade, entender como se dão essas discussões e como, a partir de um olhar crítico, elas podem interpelar nossa realidade.

REFERÊNCIAS

- *Corpus*

AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

AGUALUSA, José Eduardo. *O Vendedor de Passados*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

- Estudos críticos e teóricos

AGOSTINHO NETO, Antônio. O içar da bandeira. In: *Sagrada esperança*. São Paulo: Ática, 1985.

CAVAZZI DE MONTECUCOLO, Giovanni Antonio. *Njinga, Rainha de Angola*. Lisboa: Escolar Editora, 2013.

GALVÃO, Walnice. *A donzela-guerreira: um estudo de gênero*. São Paulo: Senac, 1998.

HEYWOOD, Linda. *Jinga de Angola: A Rainha guerreira da África*. São Paulo: Todavia, 2019.

LUGARINHO, Mário. A apoteose da Rainha Ginga: gênero e nação em Angola. *Cerrados*, Brasília, v. 25, n. 41, p. 88-96, 2016.

MAIA, Helder Thiago. *Transgressões canônicas: Queerizando as donzelas-guerreiras*. Cadernos de Literatura Comparada (Univ. do Porto), n.39, p. 91-108, 2018.

MAIA, Helder Thiago. *Notas sobre donzelas-guerreiras, gênero e sexualidade em A Rainha Ginga de José Eduardo Agualusa*. Revista Mulemba, v.11, n. 20, p. 74-96, 2019a.

MAIA, Helder Thiago. *A ginga da Rainha: apoteose da Rainha Ginga no carnaval carioca*. Moderna Sprak, v. 113, n1, p.129-163, 2019b.

MAIA, Helder Thiago. *Entra na roda e ginga: imaginário literário brasileiro sobre a Rainha Ginga*. No prelo, 2019c.

MATA, Inocência. Representações da rainha Njinga/Nzinga na literatura angolana. MATA, Inocência (Org). Lisboa: Edições Colibri, 2014.

OLIVEIRA PINTO, Alberto. Representações culturais da Rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano. *Estudos Imagética*, 2014.

PELBART, Peter Pál. Da loucura à desrazão. In: *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.